

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

INGRID DA SILVA NORONHA

**O PERFIL DOS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE
ENSINO**

**MANAUS
2018**

INGRID DA SILVA NORONHA

**O PERFIL DOS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE
ENSINO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade do Estado do Amazonas- UEA, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Profª MSC Maria Quitéria Menezes.

MANAUS
2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

N852p Noronha, Ingrid da Silva
O perfil dos educandos da educação de jovens e adultos
de uma escola da rede pública municipal de ensino /
Ingrid da Silva Noronha. Manaus : [s.n], 2018.
41 f.: il.; 29 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.
Inclui bibliografia
Orientador: Menezes, Maria Quitéria Afonso

1. educação de jovens e adultos . 2. trajetória de vida.
3. trabalhadores. 4. desigualdade social. I. Menezes,
Maria Quitéria Afonso (Orient.). II. Universidade do
Estado do Amazonas. III. O perfil dos educandos da
educação de jovens e adultos de uma escola da rede pública
municipal de ensino

INGRID DA SILVA NORONHA

**O PERFIL DOS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE UMA
ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovação em: 05 de dezembro de 2018.

Banca Examinadora:



Orientador(a): Prof^a. Msc. Maria Quitéria Afonso



Membro da Banca: Prof^a: Dra. Maria Nazaré Corrêa



Membro da Banca: Prof^a. Dra. Mônica Costa

AGRADECIMENTOS

Expresso imensamente a minha gratidão:

A Deus por ter me proporcionado, ao longo desses 4 anos e meio, tudo o que precisei para hoje, estar em meu maior momento de alegria e conquista. Por ter segurado minhas mãos em meus momentos de fraqueza, desânimo e cansaço.

A minha honrada avó Carlota, que me criou, me proporcionou um lar, me alfabetizou, me ensinou valores, esteve/está comigo em todos os momentos, me dando apoio e sempre foi meu maior exemplo de mulher, mãe e professora.

As minhas filhas, Giovanna (8 anos) e Manuela (6 meses), por me proporcionarem o sentimento mais belo, o amor incondicional, o qual me manteve firme e com o olhar fixo em nossos ideais.

A toda minha família, esposo, amigos que também me ajudaram de diversas formas durante minha trajetória.

A todos os meus professores, sem exceção, por todos os ensinamentos. Foi na universidade que aprendi o que é SER PROFESSOR e a importância da pesquisa na formação docente.

Minha eterna gratidão em especial:

A minha orientadora Msc. Maria Quitéria Afonso, por ter aceitado me orientar no presente trabalho, embora estivesse passando por momentos delicados em sua vida particular. Por todos os momentos de aprendizagem durante a minha trajetória na universidade e no Projeto OFS.

A professora Dra. Maria Nazaré Corrêa, a qual tenho uma enorme admiração, e que se mostrou bastante acessível em tirar minhas dúvidas, sobre o presente trabalho.

As minhas professoras de estágio Dra. Mônica Costa e Msc. Caroline Barroncas, que me acompanharam em um dos momentos mais importantes do meu processo formativo, que me orientaram e cobraram bastante a melhoria da minha escrita.

A influência de bons professores, ninguém consegue apagar!!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o perfil dos discentes da Educação de Jovens e Adultos de uma escola da rede pública municipal de ensino, bem como a condição cultural e social, os fatores que dificultam o processo de aprendizagem e a importância da modalidade na vida do educando. A pesquisa é de natureza qualitativa, sendo de campo e bibliográfica com um enfoque na trajetória de vida dos educandos da EJA e foi realizada em uma turma do primeiro segmento na Escola Municipal Abílio Nery, situada na zona oeste de Manaus. Na perspectiva metodológica, utilizamos dois instrumentos: a entrevista, com alunos e o pedagogo da escola, e questionários para educandos e uma professora, visando à realização e análise da coleta de dados. Mediante os resultados da pesquisa atrelados, principalmente, ao embasamento teórico de Paulo Freire, Miguel Arroyo, entre outros referenciais, enfatiza-se que a EJA possui um público com especificidades diversas. De um lado, aqueles que estão retornando ao ambiente escolar tardiamente de acordo com a idade padrão, pela falta de oportunidade de acesso ao espaço escolar, pela necessidade de inserção ao mundo do trabalho precocemente. Do outro lado, um público jovem com um histórico de repetências e desistências, elevando o índice de abandono escolar, nos remetendo a reflexões políticas, sociais e educacionais.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; trajetória de vida; trabalhadores; desigualdade social.

ABSTRACT

This study aims to analyze the profile of youth and adult education students of a school in the municipal public school system, as well as the cultural and social condition, the factors that hamper the learning process and the importance of the modality in the life of the teaching. The research is qualitative, being field and bibliographical with a focus on the life trajectory of the students of the EJA and was carried out in a group of the first segment in the Municipal School Abílio Nery, located in the western zone of Manaus. In the methodological perspective, we used two instruments: the interview, with students and the pedagogue of the school, and questionnaires for students and a teacher, aiming at the accomplishment and analysis of the data collection. Through the results of the research, mainly related to the theoretical background of Paulo Freire, Miguel Arroyo, among other references, it is emphasized that the EJA has an audience with diverse specificities. On the one hand, those who are returning to the school environment late according to the standard age, the lack of access to school space, the need to enter the world of work early. On the other hand, a young public with a history of repetitions and dropouts, raising the rate of dropout, referring to political, social and educational reflections.

Keywords: youth and adult education; trajectory of life; workers; social inequality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CAPÍTULO I	
2.1. A escolarização de jovens e adultos como direito e ato de cidadania.	10
2.2. A condição social e cultural dos jovens e adultos não alfabetizados no Brasil..	12
2.3. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e da aprendizagem.....	17
3. CAPÍTULO II	
3.1. O que é metodologia?.....	22
3.2. Método de abordagem.....	22
3.3. Métodos de procedimentos.....	23
4. CAPÍTULO III	
4.1. Local e sujeitos da pesquisa.....	24
4.2. Análise e discussão dos resultados.....	26
4.2.1. Conhecendo os educandos da EJA.....	26
4.2.2. Possíveis aspectos que dificultam a aprendizagem dos educandos da EJA.....	28
4.2.3. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento de aprendizagem.....	31
4.2.4. Uma reflexão sobre a importância e os impactos da EJA sobre a vida dos educandos.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE I	38
APÊNDICE II	40

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), sempre foi discriminada ao longo da história como “subsistema”, o que se configura até hoje, mesmo com a legislação em vias de aperfeiçoamento.

Esse campo da educação favorece a aprendizagem de adultos cujas ações educativas dirigidas a este público guarda peculiaridades por ser um grupo de pessoas proveniente de diversos grupos sociais e culturais. Reconhece-se que a maioria dos adultos egressos à EJA são originários da área rural e filhos de trabalhadores, migrantes, com baixo nível escolar; e também, jovens que evadiram da escola por motivos diversos tais como: pobreza, violência, infrações.

Diante de tal realidade e sem a pretensão de querer cunhá-los como incapazes, vale salientar o papel da EJA no reingresso deste perfil de aluno no ambiente escolar, tal como a especificidade de um conhecimento diferenciado do que é ensinado às crianças do mesmo nível de ensino.

A EJA é antes de tudo uma modalidade de ensino que nos propõe reflexão e argumentação acerca dos motivos que levaram as pessoas a dar continuidade aos estudos e, por conseguinte os levaram a desistir em trajetórias anteriores de suas vidas, cabendo ao educador valorizar, suas histórias e modos de vida.

O interesse pelo tema nasceu em minha participação no projeto OFS – Oficina de Formação em Serviço - vinculado com à SEMED e à UEA, uma vez que tive a oportunidade de ficar em sala de aula, nesta modalidade de ensino. Assim, pude observar que, atualmente, os educandos possuem diferentes perfis, idades, histórias de vida, necessidades e limitações, o que gerou um interesse maior e necessidade de aprofundamento sobre a temática.

No referido trabalho, busquei através da pesquisa científica educacional, analisar o perfil dos discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o objetivo de conhecer a condição social e cultural dos jovens e adultos matriculados na rede pública de ensino; reconhecer os principais aspectos que dificultam a aprendizagem do educando da EJA e refletir sobre a importância da modalidade Educação de Jovens e Adultos e os impactos na vida do educando.

A apresenta o método de abordagem qualitativa, com enfoque fenomenológico. Divide-se em três capítulos: o primeiro aborda o referencial teórico

sobre a Educação de Jovens e adultos, questões legais, sociais e cognitivas. O segundo capítulo mostra o percurso metodológico: métodos de abordagem, procedimentos e instrumentos utilizados na coleta de dados no universo pesquisado. E por fim, o terceiro e último capítulo, que descreve os resultados obtidos e análise dos dados embasado pela pelas teorias estudadas e considerações finais.

2. CAPÍTULO I

2.1. A ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO DIREITO E ATO DE CIDADANIA.

A educação escolar é uma dimensão fundamental da cidadania e indispensável para políticas que visam a inclusão de todos nos espaços políticos, sociais e profissional. No âmbito da educação o desafio do processo de inclusão é conseguir dar a todos os educandos condições igualitárias em relação a aquisição do conhecimento, e até mesmo a formação de professores competentes para o trabalho com esse processo. Para que isso ocorra é necessário articular o direito à educação, no sentido de oportunidade de apropriação do conhecimento e o direito ao desenvolvimento humano tomado como oportunidade de ampliação da cidadania.

O Direito à educação é parte de um conjunto de direitos obrigatórios chamados de direitos sociais que têm como inspiração o valor da igualdade entre as pessoas. No Brasil este direito apenas foi reconhecido na Constituição Federal de 1988, antes disso, o Estado não tinha a obrigação formal de garantir a educação de qualidade a todos os brasileiros, e o ensino público era tratado como uma assistência, um amparo dado àqueles que não podiam pagar.

Segundo a Constituição de 1988, artigo 205,

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) surgiu como modalidade de ensino da educação básica no final dos anos 1980, almejando atender a Constituição e sua emenda constitucional 59/2009, que alterou o artigo 208 da Constituição Federal, estabelecendo que: *Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17*

(dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria. (E.C. 59/2009).

Além da Constituição Federal, de 1988, existem ainda duas leis que regulamentam e complementam a do direito à Educação: o [Estatuto da Criança e do Adolescente \(ECA\)](#) de 1990; e a [Lei de Diretrizes e Bases da Educação \(LDB\)](#), de 1996. Juntos estes mecanismos abrem as portas da escola pública fundamental a todos os brasileiros, já que nenhuma criança, jovem ou adulto pode deixar de estudar por falta de vaga.

Diante da realidade educacional e da dita “universalização e democratização do ensino público” que nossas instituições vêm criando no seu interior, os chamados “excluídos da escola”, estudantes que por diversos motivos abandonam o ambiente escolar ou até mesmo nunca tiveram acesso a esse ambiente, as problemáticas se impõem cotidianamente na vida escolar dos educandos da referida modalidade de ensino.

Os desafios e as novas perspectivas desses sujeitos são observados na Educação de Jovens e Adultos – EJA, modalidade educacional que atende as estas pessoas que em algum momento de sua vida interromperam seus estudos, diante das realidades adversas, desfavoráveis ao contexto escolar formal.

No que tange a LDB, Lei 9.394/96, Capítulo II, Seção V, Artigo 37 diz: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Segundo a LDB, em seu artigo 38, “os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular”. No mesmo artigo é definida a idade mínima para a realização dos exames:

- Maiores de 15 anos podem prestar exames para a conclusão do Ensino Fundamental.

- Maiores de 18 anos podem prestar exames para a conclusão do Ensino Médio.

Voltando ao artigo 37, parágrafo 1, “os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

Esse público vem sendo atendido no âmbito da Educação Básica por meio da Diretoria de Políticas de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD/MEC, a qual tem priorizado um processo amplo democrático e participativo na construção de uma política pública de estado para a educação de jovens e adultos. Vale lembrar que, essas ações têm fortalecido e estreitado à parceria entre Estados e Governo Federal na busca pela ampliação e melhoria da qualidade da educação de jovens e adultos.

Mesmo assim, temos observado em parte das nossas escolas brasileiras, que ainda é necessário muito trabalho e políticas públicas mais efetivas, para que a EJA seja uma modalidade de ensino com qualidade social. Enxerga-se, em boa parte dos meios educacionais formais uma ação pedagógica num viés compensatório, que nem sempre atende as especificidades do público jovem adulto.

Essa definição da EJA nos esclarece o potencial de educação inclusiva que se deve almejar, enquanto educação pública. Então, é necessário nos debruçarmos para entender melhor o caráter compensatório que essa modalidade de ensino possui no tempo atual. E no campo da educação inclusiva, a EJA ganhou valores frente à legislação, que é resultado de uma pedagogia proposta por Paulo Freire (1987 quando nos ensina a olhar o outro, olhando para nós mesmos.

A “Pedagogia da Esperança”, assim conhecida, nos leva a analisar como é importante o processo de autoconhecimento para podermos entender melhor o outro.

Enrique Dussel (2000), filósofo argentino, e um dos maiores expoentes da Filosofia da Libertação, afirma:

Comparados com Paulo Freire, os psicopedagogos e psicanalistas são, primeiramente, cognitivistas (porque se preocupam com a inteligência teórica ou moral, ou com a consciência como mediação da patologia), consciencialistas (enquanto não desenvolvem uma teoria dialógica, linguística), individualistas (enquanto se trata de uma relação do pedagogo individual com os educandos individualmente, embora em grupo), mas, principalmente ingênuos, enquanto não procuram transformar a realidade contextual nem promover uma consciência ético-crítica no educando – que é a empreitada educativa de Freire. (DUSSEL, 2000 p. 435).

Dussel demonstra que a pedagogia de Freire é a única que através da conscientização, oportuniza o surgimento de um pensamento ético e crítico, como eixo condutor do processo educativo.

A proposta pedagógica de Freire, não condiz com a postura do educador que não se preocupa com a vida futura dos seus educandos.

A desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança. (FREIRE, 1996, p.81).

Esperança? Utopia? Sonhos? A resposta pode ser dada pelo próprio Paulo Freire: “É possível vida sem sonho, mas não existência humana e História sem sonho”.

2.2. A CONDIÇÃO SOCIAL E CULTURAL DOS JOVENS E ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS NO BRASIL

De acordo com o censo escolar da educação básica no Brasil, há quase 4 milhões de estudantes matriculados na EJA. (MEC, 2016). Existe uma parcela expressiva de educandos matriculados nessa modalidade de ensino que precisa de um olhar mais sensível do poder público. Por que esses educandos estão matriculados nessa modalidade de ensino no contexto atual? Por que não conseguiram concluir os estudos no ensino fundamental? Qual o perfil e trajetória desses educandos? Quais são os seus conhecimentos e experiências? Qual o papel do professor da educação escolar de adultos?

A busca pela modalidade EJA de ensino tem sido cada vez mais frequente, e a evasão dos educandos, mais frequente ainda. O público da EJA matriculado nessa modalidade em turno noturno, na sua grande maioria, já está engajado em alguma atividade remunerada durante o dia, e o estudo à noite, parece representar um prolongamento da jornada de trabalho para o aluno. São pessoas com considerável experiência de vida, nas quais se inclui relacionamentos, filhos, separações, trajetória de trabalho, ganhos e perdas. Parecem ser também revestidos de uma imagem de exclusão social. Porém, segundo Martins (1997), não existe exclusão porque todos estão incluídos na sociedade. O que há é uma “fetichização” da ideia de exclusão. Sociologicamente não existe exclusão. Existe uma inclusão precária, instável e marginal decorrente de uma situação econômica. E que resulta para muitos na sociedade, em ocupar apenas lugares residuais. A exclusão passou a ser notada

porque a inclusão proposta pelo capitalismo está muito lenta. O período de passagem da exclusão para a inclusão está muito longo, ultrapassou a transitoriedade, está se transformando num modo de vida.

Os educandos de Educação de Jovens e Adultos têm um traço de vida, origens, idade, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos muito diferentes. São pessoas que vivem no mundo do trabalho, nas relações capitalistas, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos e nada disso deve ser desconsiderado no processo educacional.

Miguel Gonzalez Arroyo, professor e Pós-Doutor em Educação, afirma que:

[...] essas diferenças podem ser uma riqueza para o fazer educativo. Quando os interlocutores falam de coisas diferentes, o diálogo é possível. Quando só os mestres têm o que falar não passa de um monólogo. Os jovens e adultos carregam as condições de pensar sua educação como diálogo. Se toda educação exige uma deferência pelos interlocutores, mestres e alunos (as), quando esses interlocutores são jovens e adultos carregados de tensas vivências, essa deferência deverá ter um significado educativo especial. (ARROYO, 2006, p.35)

Numa reportagem veiculada pela Rede Minas com o tema: “Os Desafios da Educação de Jovens e Adultos”, realizada com Maria Clara Di Pierro, professora da Universidade de São Paulo e especialista em Políticas Públicas na Educação de Jovens e Adultos, e Jane Paiva, professora da Faculdade de Educação do Estado do Rio de Janeiro, podemos refletir com mais propriedade tal aspecto.

Di Pierro classifica os educandos da EJA em dois grupos de excluídos de seus direitos educativos.

O primeiro grupo é o das pessoas com idade mais avançada com baixa escolaridade ou analfabetas que vieram de uma época onde a educação era mais difícil geralmente zonas rurais. O segundo grupo de pessoas é o de pessoas que precocemente abandonaram os seus estudos por fatores sociais muitas vezes de pobreza, necessidade precoce de ingresso no mercado de trabalho, mas também por motivos de fracasso escolar, por terem tido uma trajetória escolar interrompida, malsucedida com sucessivas reprovações e que acabaram abandonando o ambiente escolar. Esses alunos que buscam a escola pertencem a uma classe social com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua

sobrevivência e o lazer acaba ficando por conta dos encontros com as famílias ou dos eventos da comunidade. A televisão é apontada como principal fonte de lazer e informação e quase sempre seus pais têm ou tiveram uma escolarização inferior à sua. (DI PIERRO, 2014)

Jane Paiva complementa:

Na história da Educação Brasileira o direito à educação para todos é muito recente, então esse conjunto populacional com mais idade também vem de uma interdição ao direito à educação que a sociedade manteve um durante um tempo. Nós temos na Constituição de 1934 esse direito assegurado depois nós vamos garantir o direito do voto do analfabeto pela emenda constitucional de 1969 e só em 1988 esse direito volta. Então do ponto de vista histórico temos uma boa explicação para entender esse conjunto tão forte porque é um direito social tardiamente conquistado pela cidadania brasileira. (PAIVA, 2014).

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem os seus processos de alfabetização, pois o analfabetismo é associado diretamente com a pobreza, sendo consequência inevitável de uma estrutura social injusta.

Os educandos trabalhadores que chegam às vezes tarde na escola, cansados, com sono e querendo muitas vezes sair mais cedo, isso, quando eles vêm para a aula, acham que não são capazes de acompanhar os programas ou que o programa não traz a realidade para o seu cotidiano, são vários os motivos que levam a evasão. Motivos mais profundos e talvez menos evidentes como: conteúdos, materiais didáticos, que, inúmeras vezes, não se conectam com a realidade do educando, pois ainda há aquela concepção de que o educando adulto está carente de desvelar os “saberes do mundo”, como se a escola fosse detentora desses saberes, e o ensino formal, o único meio de adquiri-los.

Esse aluno trabalhador defende o prazer de aprender, e assim, alguns, lamentam suas faltas na escola; muitas vezes eles desistem porque precisam trabalhar. Quase sempre, o trabalho é mais importante porque é uma necessidade para a sobrevivência, sendo uma questão difícil de resolver ou conciliar escola e trabalho.

Essa combinação também é problema do ponto de vista do docente, do currículo, e da própria gestão da escola, colocando em risco a qualidade do ensino e causando desconforto para esses jovens e adultos, que frequentemente já ultrapassaram a idade estabelecida para estudar no turno diurno e que estudam no horário da noite.

Se tratando dos educandos que tiveram suas trajetórias escolares interrompidas por sucessivas reprovações e que este não parece fazer muita questão de "passar de ano", eles já foram negados na escola básica. Muitos deles são repetentes desde sua vida infantil, e são levados a estudar à noite por ser problemático no diurno. Sentem-se fracassados por ter sua permanência na escola ameaçada pelo abandono que pode estar por perto. Os fatores que levam esses sujeitos ao abandono da escola estão ligados em sua maioria, às baixas condições de vida que por motivos de renda, saúde ou migração são obrigados a uma inconstância permanente na escola e aos fatores ligados ao precário serviço educacional que é oferecido a essas pessoas.

Segundo Arroyo,

Este entra-e-sai do aluno na escola, esta sistemática exclusão diminui, consideravelmente a capacidade de desenvolvimento de determinadas habilidades que se fixam pela prática. Habilidades de ler e escrever, bem como a capacidade de utilização das operações matemáticas fundamentais que exigem um perseverante empenho por parte do educando no sentido de sua fixação. [...] os anos de ausência após o abandono pesam significativamente na adaptação do aluno quando retorna. (1991, p. 165).

Desta forma, existe um histórico que marca o educando, dificultando o processo de retorno. Muito se perde pela falta de prática. Chega inseguro de sua capacidade de se escolarizar. Como sua experiência anterior foi de baixa qualidade, revelam-se inadequados, como afirma Paulo Freire:

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua "incapacidade". Falam de si como os que não sabem e do "doutor" como o que sabe e quem devem escutar. (2014, p. 69)

Essa autodesvalia é resultante de um processo de exclusão, desvalorização e uma visão inautêntica de si e do mundo. Para se evitar essa estigmatização do educando não se pode condicionar a deficiência da aprendizagem humana às condições de pobreza, a necessidade de trabalhar ao estudo noturno, entre outras, pois a aprendizagem sempre se efetua. Para Freire, “não há saber mais ou menos; há saberes diferentes” (FREIRE, 2014, p. 49). Nesse contexto, qual é o papel da escola, do professor, do educando de frente as suas práticas e a finalidade real que este pretende atingir? O professor precisa antes de qualquer coisa entender sua tarefa social dentro da sala de aula, indagar a realidade do educando, transformar os obstáculos em dados de reflexão, ajustar os conteúdos mediando os conhecimentos já construídos pelo educando e suas novas relações com os conhecimentos “científicos” veiculados pela educação escolar, para assim poder fazer da escola um ambiente acolhedor e comprometido de fato com as transformações sociais.

A escola pode ser muito mais. Ela é na verdade, um grande espaço social de convivência daqueles que são sistematicamente desumanizados pelo trabalho, pelo isolamento e por suas condições de existência. É também, um local de fala dos que não têm voz no dia-a-dia; de participação daqueles acostumados a obedecer; de encontro dos desencontrados, de saber das coisas do mundo dos que foram afastados da possibilidade de parte deste conhecimento. (ARROYO, 1991, p. 166)

Mais do que isso, a escola é também um espaço de veiculação de um conhecimento sobre a vida, que ultrapassa o limite da questão profissional e, para a maioria das pessoas, é onde chegam as informações das coisas do mundo que possam contribuir nas lutas do cotidiano. Os jovens e adultos pouco escolarizados, membros de um Estado e cumpridores de deveres, muitas das vezes possuem seus direitos negados pela falta de informação, principalmente o direito ao processo de escolarização. “Essa negação tem privado cidadãos das informações necessárias e dos conhecimentos produzidos pelo homem, através das gerações, ficando alijados do que é produzido pela sociedade”. (PICONEZ, 2013, p. 97).

É por meio da educação escolar que os educandos poderão desenvolver-se como cidadãos conscientes de seus direitos ampliando a capacidade crítica reflexiva,

o que lhes trará possivelmente condições de questionarem e, se necessário, modificarem o ambiente em que estão inseridos.

Gadotti apud Piconez (2013) ressalta que se trata de decidir se queremos fazer política para as pessoas ou somente para as coisas. Eliminar o analfabetismo é uma questão de honra para um país que se apresenta como uma das maiores economias do mundo, mas que em termos de Educação e, sobretudo, de alfabetização, ano após ano ocupa os derradeiros lugares.

2.3. JOVENS E ADULTOS COMO SUJEITOS DE CONHECIMENTO E DA APRENDIZAGEM

Com as novas demandas do mundo contemporâneo acerca dos desafios da educação escolar faz-se necessário novas formas de se pensar a educação que não pode mais ser interpretada como um único modelo, o tradicional, exigindo o reconhecimento de que esta ultrapassa os muros da escola. Saberes também são adquiridos fora da escola, na vida, nas ações, com experiências e aquisições que precisam ser reconhecidas na formação do aluno. De acordo com Brandão (1985):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Entende-se que a socialização é um processo educativo que alimenta a formação do ser humano. Assim, a educação está em toda parte. Redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração para outra são inerentes ao processo evolutivo da cultura humana, o que leva o ser humano a transmitir e construir o conhecimento, criando situações sociais que são fundamentais para a própria manutenção da espécie e da sociedade formada por ela. (BRANDÃO, 1985, p. 97)

Apesar de serem perceptíveis esses saberes e habilidades trazidos na bagagem dos educandos, a falta de escolarização produziu lacunas e dificuldades, seja na escrita, na leitura, dificultando o desempenho no local de trabalho ou sendo motivo principal para a sua não inserção no mercado de trabalho, deixando sempre presente o sentimento de inferioridade e de referir-se a si mesmo como alguém semianalfabeto.

A educação é um procedimento de longo prazo e contínuo, é um conhecimento para a democracia e a cidadania entre outras práticas. E tão importante quanto o direito à escola, é garantir que todos aprendam com uma educação de qualidade. Neste sentido, é o sistema escolar de um país que tem que se ajustar para satisfazer as necessidades de todos os educandos. É necessário tornar a aprendizagem mais significativa para todos, terem propostas alternativas que estejam comprometidas com uma educação de qualidade para esses jovens e adultos.

A EJA no Brasil está muito ligada a Paulo Freire, pois seu sistema de ensino e alfabetização, conhecido como Método Paulo Freire, desenvolvido em 1960, partia do conceito de que, segundo Ribeiro (1997), “o alfabetizador deveria realizar uma pesquisa sobre a realidade do grupo em que atuaria, além de um levantamento de seu universo vocabular”. Desse universo vocabular, o educador selecionaria as palavras com maior densidade de sentido e que expressassem as situações existenciais mais importantes. Essas palavras são chamadas “palavras geradoras”, realizando a partir delas, o estudo da escrita e da leitura e posteriormente substituídas por temas geradores, “a partir dos quais os educandos aprofundariam a análise de seus problemas, preferencialmente, já se engajando em atividades comunitárias ou associativas” (RIBEIRO, 1997, p. 25). Dessa forma, o educador não transfere, mas compartilha experiências, havendo uma interação entre ambos. Deste modo, nas palavras de Freire,

o educador problematizador refaz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também. (1987, p. 80).

Assim, é valorizado o diálogo, a reflexão e a criatividade, de modo a possibilitar a construção do conhecimento e da aprendizagem e a formação de um ser humano crítico-reflexivo. Tais aspectos são importantes na EJA para que a aprendizagem se efetue de forma significativa.

Segundo Oliveira (1999), no que se refere aos Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem, podemos ver que nesse território da educação não diz respeito a reflexões e ações educativas dirigidas a qualquer jovem ou adulto, mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea.

Paulo Freire (1987) diz que o aprendizado para adultos é diferente, uma vez que eles já têm experiência de vida e um vasto conhecimento do mundo. Isto representa um esforço tanto para o educando quanto para os outros componentes da escola, principalmente em relação ao currículo escolar e a forma pela qual ele é desenvolvido. Na escola, interessa não só fortalecer o conteúdo de uma aprendizagem como também a forma de como acontece esse processo.

Nessa perspectiva é fundamental que todo o processo de aprendizagem voltado ao educando da EJA deve ter como prioridade a contextualização da sua realidade, respeitando as suas diferenças individuais quanto ao tempo de aprendizagem, suas culturas, realidades e saberes.

A respeito do funcionamento intelectual do adulto, Palácios afirma que:

As pessoas humanas mantêm um bom nível de competência cognitiva até uma idade avançada (desde logo, acima dos 75 anos). Os psicólogos evolutivos estão, por outro lado, cada vez mais convencidos de que o que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é tanto a idade em si mesma, quanto uma série de fatores de natureza diversa. Entre esses fatores podem-se destacar, como muito importantes, o nível de saúde, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus vital da pessoa (sua motivação, seu bem-estar psicológico...). É esse conjunto de fatores e não a idade cronológica por ser, o que determina boa parte das probabilidades de êxito que as pessoas apresentam, ao enfrentar as diversas demandas de natureza cognitiva" (1995, p. 312).

Neste sentido é que se pode dizer, conforme afirmado anteriormente, a educação de jovens e adultos remete, primordialmente, a uma questão de especificidade cultural.

Para Oliveira (1999), a pertinência a determinado grupo cultural é, sem dúvida, uma fonte primordial para a formação do psiquismo e, portanto, para o desenvolvimento de formas peculiares de construção de conhecimento e de aprendizagem. Não podemos postular formas homogêneas de funcionamento psicológico para os membros de um mesmo grupo, já que o desenvolvimento psicológico é, por definição, um processo de constante transformação e de geração de singularidades. Os processos cognitivos diferem de cultura para cultura e de sujeito para sujeito, e o professor precisa entender que os educandos podem responder de formas significativamente diferentes a determinada situação de aprendizado e precisa estar consciente que terão sujeitos com estilos cognitivos diferentes.

No processo de aprendizagem da pessoa idosa existem alguns fatores que podem dificultar a aprendizagem, como o declínio cognitivo natural que surge na meia idade e aumenta gradativamente envolvendo agilidade e habilidades não exercitadas. Esses fatores possuem variabilidade sob vários aspectos, sendo eles econômicos, culturais e psicossociais. Explica Vieira (2012), que a velhice é percebida como a fase do desenvolvimento humano que carrega mais estigmas e atributos negativos. Porém, o idoso não para de aprender simplesmente porque ficou idoso. Tais estigmas e atributos negativos muitas vezes vem acompanhados de preconceito causando um distanciamento do convívio social, familiar e escolar. Assim, é necessária uma melhor compreensão do seu ritmo e fragilidades características deste estágio.

Embora o referido trabalho não tenha se voltado para a pessoa idosa, é bom deixar registrado que no Brasil existe um processo de desvalorização quanto a este grupo populacional. Tal fator nos deixa intrigados, enquanto futuros professores da educação básica, ao entendermos que a população brasileira está caminhando num avanço de faixa etária, que caminha para a fase idosa; e, no entanto, não apresenta políticas públicas presentes e futuras para atender melhor tal demanda populacional. É possível que isso se relacione mais ao campo educacional, ao considerar que o idoso necessita muito de leitura e de escrita, para aprender a se cuidar em todos os aspectos, inclusive, no campo da saúde que, com frequência, começa a debilitar.

Pensando nessas peculiaridades da pessoa idosa, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) da cidade de Manaus criou o Programa de Escolarização do Adulto e da Pessoa Idosa (PROMEAPI), que tive a oportunidade de conhecer através de uma “Roda de Conversa” no LEPETE¹ (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares).

Atualmente o PROMEAPI atende 702 educandos em 42 turmas nos turnos matutino, vespertino e noturno, em espaços não formais, em parceria da SEMED com as instituições que aderiram ao programa.

Em seus 18 anos de funcionamento já foram alfabetizados cerca de oito mil adultos e idosos. (Dados disponíveis no site da prefeitura de Manaus, acessado em 25 de setembro de 2018). Com o crescimento do programa foi criado pela Lei N° 2331,

¹ O LEPETE atua, por meio do projeto OFS, com o subprojeto Assistência à Docência (AD), que oportuniza a presença político-pedagógica do acadêmico de licenciatura na sala de aula de algumas escolas municipais de Manaus, conforme já dito no início deste texto.

de 12 de julho de 2018 o Centro Municipal de Escolarização do Adulto e da Pessoa Idosa (CEMEAPI), localizado no Parque do Idoso, buscando reinserir o idoso no processo de aprendizagem e ao mesmo tempo cria possibilidades para que o idoso recupere sua capacidade produtiva e criadora.

De acordo com Pereira e Serra:

O idoso é capaz de aprender, pois o ser humano aprende até a morte, e, como aprendiz, ele pode viver melhor participando em grupo, de sua própria aprendizagem e da construção da aprendizagem dos outros, com dignidade, autoestima elevada, autoconfiança recuperada ou afirmada na busca constante de sua completude. (2014, p. 13).

Ferreira (1990) afirma que a alfabetização, enquanto aquisição da língua escrita, não é simplesmente um ato mecânico de decodificação do código escrito, mas ocorre numa construção do conhecimento que envolve questões de ordens diversas e exige uma postura crítica para que se concretize plenamente.

Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global [...] A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sociocultural, política e técnica” (FERREIRA, 1990, p. 60).

Todas essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto, seja ela social ou cultural, fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem.

Por esse viés, compreendo que educação seja muito mais do que simplesmente adquirir o conhecimento das disciplinas, ler, escrever e realizar cálculos matemáticos para conseguir empregos, mas é principalmente, desenvolver as competências de compreender, analisar, refletir, transformar o conhecimento e saber fazer o uso social desses saberes e está diretamente ligada às experiências culturais, históricas e sociais.

Será que a educação oferecida para esses sujeitos e a metodologia aplicada nas aulas levam aos educandos à reflexão das suas realidades enquanto sujeitos históricos e transformadores da sociedade? É necessário refletir quanto ao papel da educação e seu impacto na vida do educando especificamente na modalidade de EJA, aqui referenciada.

Sabendo que a nossa sociedade está em constante mudança e levando em consideração todos os possíveis aspectos de possam intervir no processo de aprendizagem, as possíveis razões da não-escolarização na idade certa aqui mencionados e referenciados, qual o perfil atual do educando da EJA?

3. CAPÍTULO II

3.1. QUE É METODOLOGIA?

Entende-se por metodologia o estudo dos caminhos para se chegar a um determinado fim, aliando sempre o suporte teórico-metodológico para a realização de uma pesquisa.

Minayo (2001) afirma que a metodologia é a descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizadas em uma pesquisa, que contemplam a fase de exploração de campo e a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados obtidos em tal pesquisa.

Esses instrumentos, a técnica de observação participante e os procedimentos regem a pesquisa científica buscando compreender os fenômenos, considerando a subjetividade dos sujeitos envolvidos e suas experiências no processo.

3.2. MÉTODO DE ABORDAGEM

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede Pública Municipal de Manaus, que oferece a Educação de Jovens e Adultos nos turnos vespertino e noturno.

Baseou-se na abordagem qualitativa me, como uma possibilidade de produção de conhecimento mais amplo sobre o objetivo a ser pesquisado. Portanto, leva em conta a realidade vivenciada pelo objeto em estudo, mediante seu contexto histórico e social, e responde a questões muito particulares como afirma Minayo (1994):

[...] ela trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (, p.21).

De acordo com Minayo (1994), “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e captável em equações, médias e estatísticas” (p.22).

Por se tratar de uma pesquisa na área da educação, empregou-se no estudo, o enfoque fenomenológico que apresenta uma visão idealista subjetivista de mundo, isto é, que “valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo”. Nessa perspectiva, “a educação precisa ser compreendida como formação, e não como instrumentalização”; abre-se mão da separação entre trabalho técnico e pensamento e se começa a pensar a educação como desenvolvedora do humano numa perspectiva de totalidade intersubjetiva (PEIXOTO, 2011, p. 500).

Dessa forma, ambos possibilitam um melhor nível de entendimento das particularidades e dos sujeitos investigados, que é exatamente o que busco compreender, o sujeito e a dinâmica de suas relações sociais.

3.4. MÉTODOS DE PROCEDIMENTOS

Parte do estudo é conduzido de forma bibliográfica a partir de referenciais teóricos para um nível maior de aprofundamento sobre tema. Gil (1999) explica que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. A outra parte foi através de pesquisa de campo onde os dados foram coletados “in loco”.

Para a coleta de dados e informações desejadas foi utilizado um instrumento de entrevista estruturada (para gestor, pedagogo e educandos), que é aquela “em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecidas perguntas feitas ao entrevistado são predeterminadas” (MARCONI ; LAKATOS, 2007, p.197).

Outro instrumento utilizado foi o uso de questionários com perguntas abertas e fechadas (para professor e educandos), as perguntas abertas “permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões” (MARCONI ; LAKATOS, 2007, p. 204).

Assim, o trabalho de conclusão de curso se movimenta na tentativa em obter respostas às perguntas destacadas no início deste estudo, ao considerar os dados para uma análise, que poderão subsidiar reflexões em processos inacabados e necessários, visando novas e contínuas buscas no campo da EJA.

4. CAPÍTULO III

4.1. LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal Abílio Nery pertencente à rede pública de ensino. O nome da escola se deu em homenagem ao Engenheiro Abílio Nery que nasceu em Manaus, em 11 de dezembro de 1876 e exerceu cargos públicos, entre eles, prefeito de Manacapuru, Tefé, Coari, Barreirinha e Borba. Também projetou e construiu centenas de prédios na cidade de Manaus, inclusive teve em seu comando a construção do Instituto de Educação do Amazonas. Faleceu em Manaus, no dia 11 de janeiro de 1993, sendo sepultado no Cemitério de São João Batista

A escola está localizada nas dependências do Clube Municipal de Manaus, em uma das principais avenidas que liga ao centro e onde se encontra também os principais prédios e edifícios do bairro Flores, zona Oeste de Manaus.

Atualmente a escola atende a modalidade de EJA, que faz parte do Ensino Fundamental nos turnos: matutino, vespertino e noturno. A escola é a única que se encontra situada dentro de um clube que funciona regularmente e, apesar disso, as atividades realizadas pelo mesmo Clube Esportivo, não atrapalham a escola, o que é salutar, pois precisamos de um ambiente propício para o ensino e a aprendizagem. Conforme Libâneo,

O meio escolar deve ser um lugar que propicie determinadas condições que facilitem o crescimento, sem prejuízo dos contatos com o meio social externo. Há dois pressupostos: primeiro, é que a escola tem como finalidade inerente a transmissão do saber e, portanto, requer-se a sala de aula, o professor, o material de ensino, enfim, o conjunto das condições que garantam o acesso aos conteúdos; segundo, que a aprendizagem deve ser ativa e, para tanto, supõe-se um meio estimulante. (2003, p.106)

A escola, por se tratar de uma instituição com objetivo de potencializar o desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo do aluno deve oferecer situações que

favoreçam o aprendizado, isso requer um espaço de relações físicas favoráveis e relações sociais apropriados para a formação do indivíduo. Em se tratando da EJA, isso não pode ser diferente.

No que diz respeito ao espaço escolar, as dependências da escola possuem:

AMBIENTES	QUANT.	AMBIENTES	QUANT
Secretaria	1	Sala de recursos	1
Salas de aula	6	Auditório	1
Banheiro	2	Sala dos professores	1
Telecentro	1	Banheiro funcionários	2
Refeitório	1	Cozinha	1

A escola também apresenta rampa e banheiros adaptados para sujeitos com deficiência física. Apesar de ter passado por duas reformas, sendo a última em dezembro de 2003, reparei que algumas salas e banheiros estão com sinais de depredação, porém de modo geral a escola é limpa e organizada.

A escolha do local foi pessoal, onde tive a primeira oportunidade de contato através do projeto Oficina de Formação e Serviço – OFS no ano de 2015, e o segundo contato, ocorreu por meio da disciplina de Estágio III, no ano de 2018, uma vez que pude colher as informações necessárias para a elaboração da pesquisa

A pesquisa teve início no primeiro semestre de 2018 em uma turma do primeiro segmento de EJA. A turma possui 22 educandos matriculados, dentre eles 19 são brasileiros e 3 educandos Haitianos. O aluno com a maior idade possui 76 anos e o de menor idade está na faixa dos 20 a 30 anos.

Dentre os sujeitos da pesquisa estão: O gestor e o pedagogo do turno noturno da instituição, a professora da turma, e os educandos da mesma que são o centro do estudo de acordo com os objetivos da pesquisa.

4.2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados é fator determinante para a conclusão de qualquer pesquisa científica. Aliado à análise farei a reflexão, comparação e classificação do entendimento dos resultados obtidos.

Dentre os entrevistados estão o gestor, pedagogo, uma professora e três educandos da Educação de Jovens e Adultos. As entrevistas tiveram como base perguntas norteadoras para que os principais assuntos fossem focados. A primeira entrevista com os educandos foi realizada dia 07/03/2018.

4.2.1. Conhecendo os educandos da EJA.

Conhecer os sujeitos da pesquisa envolvem questões de suas trajetórias, o meio social e econômico em que estão inseridos. Para tanto, iniciei as entrevistas com as seguintes:

Pergunta 01. Pedi para que comentassem um pouco sobre suas histórias de vida. Obtive como resposta:

Eu casei muito cedo, meu esposo é mais velho, ele trabalhava e eu cuidava da casa e das nossas duas filhas. Hoje minhas filhas são formadas, uma é psicóloga e outra formou recente em direito. Depois que elas cresceram eu comecei a trabalhar para comprar uma moto. Agora eu estou estudando e não me arrependo de ter dedicado a minha vida as minhas filhas. Hoje em dia eu tenho minhas coisas, estudo e estou feliz. (ENTREVISTADA 1, 49 anos)

Comecei a trabalhar muito cedo ajudando meus pais na feira. Ou eu estudava eu a gente passava fome, meus pais já eram velhos e não davam conta sozinhos. Depois eu arrumei um vício em bebida que quase acaba minha vida, cheguei a dormir na rua várias vezes. Mas hoje eu sou de Cristo, arrumei uma mulher muito bacana, ela é virada, faz trufas e fornece para alguns mercadinhos. Ela trabalha em casa cuidando do nosso filho. Eu trabalho num açougue, pensa num trabalho minha senhora, eu chego aqui exausto, eu chego aqui morto, só estou aqui ainda porque onde trabalho eles estão me cobrando. Sei que preciso estudar, esse trabalho foi o irmão lá da igreja que conseguiu pra mim. (ENTREVISTADO 2, 42 anos)

Estudei até a 4ª série e depois abandonei para trabalhar e ajudar em casa. Trabalhei durante muitos anos com obras e depois conheci

minha mulher. Eu moro lá no Santa Etelvina e eu vim parar pra cá porque essa escola fica perto do meu serviço e passa vários ônibus aqui. Eu sinto muita dificuldade pra aprender, a professora é legal mas é muita coisa. Mas não pretendo desistir não. (ENTREVISTADO 3, 58 anos)

Neste contexto, pude perceber que o envolvimento precoce com o mundo do trabalho mediante as necessidades de superar as condições precárias de vida, foi algo presente no contexto histórico dos educandos.

Conforme Souza e Alberto (2008, p. 714) “o trabalho em idade precoce é um fato que remonta as civilizações antigas”. Entretanto, na atualidade mesmo com toda uma legislação que protege a criança e o adolescente, a exploração destes, ainda alcança números significativos.

Ficou claro nos relatos acima, que a necessidade de trabalhar que os forçou a abandonar a escola ou os impediu o acesso. É um público que por diferentes motivos tiveram negados seus direitos à educação na idade certa.

Mas é preciso compreender o trabalho de forma positiva na vida dos educandos, por mais que o cansaço decorrente deste seja usado para justificar algumas faltas, refere-se ao trabalho como algo importante na vida deles. O que de fato é.

Kosik diz que é pelo trabalho que o homem se identifica como um sujeito social, compreendendo assim como ser “ontocriativo”, como ser que criou a realidade.

“A luta pela vida e pela morte não pode terminar com a morte; ambos os combatentes devem continuar vivo, mesmo se para cada um deles o que está em jogo é a vida ou a morte” (KOSIK, 1976, p. 203)

A condição de trabalhador, nem sempre significa que estejam satisfeitos com o trabalho que realizam e sem perspectivas de melhorias e mudanças. Hoje, ao sonharem com uma melhor qualificação, ultrapassam os obstáculos do dia-a-dia, quebram barreiras erguidas pelo preconceito e exclusão ou acabam desistindo novamente.

Discorre a professora:

Os alunos possuem interesses diferentes. Há muita evasão escolar e os motivos são muitos. Alguns não tem dinheiro para chegar à escola. Alguns ficam chateados quando a merenda é biscoito porque eles vieram atrás de se alimentar com a janta que é oferecida pela escola.

Outros desaparecem na época das festas juninas, começam a faltar para montar barracas de vendas e acabam não voltando para a escola. (PROFESSORA, 2018)

Portanto, infelizmente é possível que o trabalho continue sendo o maior aliado a manter esses jovens e adultos fora do âmbito escolar. Então, percebemos que diante de um modelo econômico em que os sujeitos estão intrinsecamente ligados, foram e ainda continuam sendo vítimas de muitas desigualdades sociais.

Pergunta 02. Questionei quais motivos os levaram a estudar agora. Obtive como resposta:

Porque agora eu tenho tempo, minhas filhas estão criadas e elas me incentivaram muito a voltar a estudar. E ainda quero poder fazer uma faculdade. (ENTREVISTADA 1)

Lá no trabalho eles me cobram isso, pretendo continuar e talvez ficar num cargo melhor. (ENTREVISTADO 2)

Estudos é uma coisa muito importante. A gente deixa de ser enganado e também se torna independente. Quero melhorar minha vida e a vida da minha família. Apesar de todas as dificuldades eu não pretendo desistir. (ENTREVISTADO 3)

Verifiquei que os educandos possuem um objetivo em comum que é concluir etapas de sua escolaridade para buscar melhores ofertas no mercado de trabalho.

De acordo com Souza (1994), os sentimentos e as expectativas destes jovens e adultos depois de vivenciarem um tempo longe da escola e retornarem perceberam que o valor dado a ela vai se fortalecendo, e assim, apontam para o fato da escola ser algo essencial para suas vidas e também um meio para a ascensão pessoal.

Portanto, infelizmente é possível o retorno ou mesmo o início da vida acadêmica torna-se um marco importante na vida do educando, libertando-o do analfabetismo, dos sentimentos de inferioridade e trazendo a esperança de dias melhores.

4.2.2. Possíveis aspectos que dificultam a aprendizagem dos educandos da EJA.

Pergunta 03. Indaguei sobre as dificuldades que os educandos enfrentam nos dias atuais para permanecer na escola. Obtive as seguintes falas:

Bom, hoje está sendo mais tranquilo porque eu comprei minha motinha, venho pra aula e as vezes ainda dou carona para meu colega que mora perto de casa. Minhas filhas me apoiam bastante. No início meu marido não gostou muito da ideia ficou um clima bem chato. Mas depois acabou aceitando e hoje também me apoia. (ENTREVISTADA 1)

A minha maior dificuldade é assistir aula e ter concentração na aula, fico meio perdido nos assuntos...Chego cansado, com sono. Mas Deus vai me dar a vitória. (ENTREVISTADO 2)

Olha vou te dizer que é bem difícil, sair cansado do serviço e vim pra cá. Acho que a medida que a gente vai ficando velho, aprender fica mais difícil porque tem muita coisa que eu esqueço quando saio daqui... (ENTREVISTADO 1)

Os desafios enfrentados pelos educandos da EJA estão próximos à realidade de cada um. São diversas as barreiras que encontram ao longo do processo de escolarização, o que acaba gerando, em certa medida, insegurança nos educandos.

Nessas análises, fica evidente o sentimento de inferioridade presente em alguns destes educandos, a auto desvalia, resultante desse processo de exclusão em momentos importantes de suas vidas, que precisam de processos e resultados mais imediatos, por conta da idade e de outros aspectos impostos em seu cotidiano. como afirma Freire (2014):

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e quem devem escutar. (2014, p. 69)

Um ponto citado pelo entrevistado 2 como fator interveniente é a “dificuldade de concentração nas aulas”. A dificuldade de memorização e concentração são habilidades cognitivas necessárias para o desempenho de determinadas atividades

escolares, ou seja, este é um fator que pode estar limitando muitos educandos da EJA.

São diversos os fatores que influenciam nesse processo de concentração e memorização, dentre eles, podemos citar os fatores ligados à saúde, aspectos emocionais e até mesmo a idade, que comumente, apresentam aspectos desfavoráveis ao desempenho nos processos de ensino e aprendizagem.

Tal quadro se agrava quando as políticas públicas nos últimos três anos são quase inexistentes para os jovens e adultos no Brasil. Uma dessas ausências, é a falta de formação específica para atender este público.

Diante de todas essas variáveis que os educandos da EJA enfrentam, essas diferenças podem ser uma riqueza para o fazer educativo, propiciando um diálogo entre os interlocutores tornando a prática educativa mais especial. Para tanto, é importante que ao cursar Pedagogia, lembremos da importância da formação inicial se fazer presente também na EJA, numa lógica de luta por melhorias político-pedagógicas.

Portanto, além de políticas públicas necessárias e efetivas para a EJA, o papel do educador torna-se fundamental no processo de contextualização para transformação da realidade dos educandos, por meio do diálogo e processos teórico-metodológicos que valorizem os aspectos histórico-sociais e culturais dos educandos da EJA.

Em entrevista com o gestor da escola foi apontado outro grave fator que intervém de forma geral no ambiente escolar é a violência e o uso de drogas.

No turno da noite nem tanto, a noite são mais aquelas pessoas que trabalham, tem família e responsabilidade. Sabemos que alguns usam drogas mas isso não fica tão evidente e não causa problemas específicos. Mas no turno vespertino é bem complicado. São aqueles alunos mais novos, a maioria adolescente. É uma outra realidade. A maior dificuldade nossa, não é nem a dificuldade que eles tem em si, mas é a questão da droga. Não para carro aí na frente, é menino querendo sair de qualquer jeito, é a venda de droga, o consumo de droga. Isso consequentemente atrapalha na aprendizagem dos alunos. (GESTOR)

Então perguntei sobre o seu posicionamento em relação a essa situação, ele respondeu:

Eu converso com eles com bastante cautela, gente o que vocês fazem do portão pra lá é problema de vocês, mas aqui na escola não, por

favor. Olha eu vou interar 23 anos de experiência em magistério e isso pra mim é novidade. Eu sabia que em toda a escola tem essa questão da droga mas não sabia que era assim. E por incrível que pareça as mulheres estão usando mais do que os homens, acho que é uma presa mais fácil. (GESTOR)

Essa realidade atual traz uma temática preocupante desde o cidadão comum até os poderes públicos, uma vez que a clientela alvo da droga é a juventude e a escola um dos principais espaços de vivência dos jovens, confrontada com essa realidade, ameaçando abertamente a possibilidade de uma vida saudável e produtiva.

A questão do uso de drogas vem crescendo a cada dia e fazendo vítimas cada vez mais jovens. Isso se dá devido a inúmeros fatores que podem ter relação com a família, falta de informação, entre outros. Acredito que a escola como espaço de formação tem um papel fundamental de levar informação aos educandos a respeito dessa temática, bem como a promoção da saúde.

4.2.3. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem

No questionário aplicado aos educandos uma das perguntas era:

Pergunta 10. Na escola, quais recursos o professor utiliza que mais favorece/facilita a sua aprendizagem? As respostas foram:

Os resultados apontam que a explicação do professor favorece/facilita a aprendizagem dos educandos. Isso não significa que outros recursos não favoreçam, são utilizados em sala de aula, livros didáticos, revistas, jornais, mapas entre outros.

Porém, esse resultado nos remete a uma reflexão quanto a importância do professor e sua metodologia de ensino juntamente com a valorização do diálogo, a reflexão e a criatividade, de modo a possibilitar a construção do conhecimento e da aprendizagem e a formação de um ser humano crítico-reflexivo, como afirma Freire:

Deste modo, o educador problematizado refaz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também (1987, p. 40).

Conhecer o educando, selecionar os conteúdos de acordo com suas realidades, compreender e interagir com os conhecimentos trazidos por estes, é de suma importância à organização de seu trabalho pedagógico.

Por esse viés, destaco a importância de um professor ativo, investigador, reflexivo e comprometido com a qualidade do processo de escolarização, possibilitando que os educandos sejam bem-sucedidos nos diferentes momentos da escolaridade e alcancem os resultados desejados.

4.2.5. Uma reflexão sobre a importância e os impactos da EJA sobre a vida dos educandos.

4.2.6.

Por se tratar de uma turma do primeiro segmento de EJA, alguns educandos tinham acabado de iniciar ou retornar à vida acadêmica, assim, dei um espaço de tempo para fazer uma segunda e rápida entrevista sobre o tema e aplicar um questionário. O que ocorreu no dia 05 de novembro de 2018.

Para minha surpresa, dos 22 alunos matriculados, somente 8 estavam presentes e 12 somente regularmente frequentando, o que totaliza 10 educandos que abandonaram a escola. O que me fez perceber que metade da turma, ou seja, houve um percentual de 50% de desistências.

Uma das perguntas do questionário era a seguinte:

Pergunta 11: O que você aprende ou já aprendeu serviu para alguma prática em seu dia-a-dia, ou seja, fora da escola? ()Sim ()Não.

Os resultados foram:

Assim, a grande maioria dos educandos marcaram a resposta positiva.

Para concluir a pesquisa, procurei meus entrevistados (*ENTREVISTADA 1*, *ENTREVISTADO 2* e *ENTREVISTADO 3*). O *ENTREVISTADO 2* havia se afastado do ambiente escolar, sem justificativas. Foi dado como desistente.

Então, indaguei sobre as mudanças e os impactos causados na vida dos educandos a partir do processo de escolarização. E as respostas foram:

Hoje eu leio até bem. É muito bom pegar uma revista, um livro e ler o que está escrito. Antigamente eu só via as imagens. Eu dirijo minha motinha mas não tenho carteira, sei que é errado né. Mas uma das

minhas metas é tirar minha Carteira. E sei que agora eu vou conseguir. Me sinto muito feliz. (ENTREVISTADA 1)

Apesar de todas as dificuldades, eu tô realizando um sonho antigo que é aprender a ler, escrever, futuramente ter um diploma. Só de eu ser um pouco mais independente pra pegar um ônibus, buscar uma informação, ler uma placa isso já me deixa muito feliz. (ENTREVISTADO 3)

As falas são claras em relação ao resgate da autoestima e a autonomia nos educandos. Fica evidente que os educandos esperam muito mais que aprender, ler e escrever, eles enxergam os estudos como uma nova perspectiva de vida.

Conforme Arroyo:

A escola pode ser muito mais. Ela é na verdade, um grande espaço social de convivência daqueles que são sistematicamente desumanizados pelo trabalho, pelo isolamento e por suas condições de existência. É também, um local de fala dos que não têm voz no dia-a-dia; de participação daqueles acostumados a obedecer; de encontro dos desencontrados, de saber das coisas do mundo dos que foram afastados da possibilidade de parte deste conhecimento. (ARROYO, 1991, p. 166)

É um resultado contrário do que reza o senso comum onde o aluno não vê a modalidade EJA como precário, mas como um ensino adequado ao seu contexto e às suas necessidades, uma vez que estão tendo uma segunda oportunidade.

Assim, podemos tecer algumas considerações no sentido em que, o educando bem ou mal, com problemas ou não, a escola assume um significado muito grande em sua vida. É ainda na escola onde encontramos educandos de EJA desejosos de novos caminhos, que possuem forças capazes de superar os preconceitos e arrebentar as comportas para seguir uma nova direção. Forças que jamais podem ser ignoradas e que merecem um olhar mais comprometido em oferecer uma educação de qualidade. Isso é um dever do poder público e da sociedade como todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos não podemos ignorar que no Brasil, problemas de base no âmbito da educação ainda não foram resolvidos, e que as desigualdades sociais geram constantes transformações nos perfis dos novos educandos da EJA, uma vez que lhes tiram direitos constitucionais.

Na EJA predomina um público com especificidades diferentes, aqueles que estão retornando ao ambiente escolar tardiamente de acordo com a idade padrão, pela falta de oportunidade de acesso ao espaço escolar, pela necessidade de inserção ao mundo do trabalho precocemente. Por outro lado, um público jovem que tiveram a oportunidade, mas evadiram-se.

A “juvenilização” na EJA é crescente nos dias atuais e os motivos são variados. A contínua exploração e precarização do trabalho, faz com que os jovens saiam no período regular da escola para trabalhar, e num futuro breve e, às vezes, nem tão breve assim, voltam à escola não pela necessidade de obter um conhecimento mais crítico, mas sim, para manter seu trabalho. Muitos dos educandos, já trabalham de forma “precarizada” ou no mercado informal; o que os levam a uma tentativa de melhorar, minimamente, sua condição de vida de trabalhador também por meio do estudo.

Outros motivos aparecem, bem como, a desmotivação causada pelas repetências das séries, a dificuldade de conciliar a escola, família, e a necessidade do trabalho. E uma das últimas, que parece ser a “grande vilã”: a droga, que se faz presente na vida de alguns educandos, são fatores que afastam muitos dos jovens da trajetória escolar, e que parece ser ignorado, em grande parte, pela equipe gestora da escola.

Esse perfil que vem se modificando nos mostra que a educação no Brasil vem tomando um rumo que é consequência de uma sociedade injusta, desigual e desumana, carente de sujeitos dentro de uma sociedade que reflita e, assim, aja de maneira coletiva e solidária.

Pensar em soluções para tais problemas da EJA na educação brasileira, passa por questões de cidadania, que se referem às questões políticas, econômicas e sociais do país. É imprescindível que a escola tenha condições compatíveis para dar acesso e principalmente condições acesso e de permanência.

Estabelecer uma organização pedagógica consoante com os “conhecimentos prévios” de seus alunos, vinculada com o diálogo entre educador e educando são fatores que podem facilitar o aprendizado, gerando satisfação e desejo no ato de aprender ensinar.

Cabe destacar que muitas são as ações necessárias para uma educação transformadora pensada para a EJA ao longo de nossa história, dentre elas, políticas públicas, que assegurem realmente a entrada e a permanência dos educandos na escola e que facilitem a vida deles em sociedade.

Por fim, deixo este trabalho como possibilidade de discussões, estudos, propostas e, quem sabe, ações reflexivas e proativas frente a esta temática, que sinalizam as dificuldades que os educandos enfrentam, para que possamos auxiliá-los na conquista de seus objetivos e tentarmos reduzir o abandono escolar e corroborar com o exercício contínuo da cidadania.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. A escola possível é possível. In. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 1991.

ARROYO, Miguel. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, p.19-50.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL; **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. Brasília, 1998.

BRASIL. **ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**. “Capítulo IV: Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer (Arts. 53 a 59)”. Brasília, 1990.

BRASIL; **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. Lei nº 9.394. Brasília, 1996.

DUSSEL, Enrique D. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERREIRA, Maria José Vale. **Princípios político-pedagógicos do MOVASP**. São Paulo, MOVA-SP, Caderno nº. 2, Secretaria Municipal de Educação, abril de 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KOSIK, **Dialética do concreto**. Ed. Terra e Paz, 1976.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. Coleção educar, 19ª edição: maio de 2003.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. MINAYO, M. C. de S (Orgs.) Petrópolis: Vozes, 1994.

ROMÃO, José E.; GADOTTI, Moacir. Educação de jovens e adultos: teoria , prática e proposta. (Orgs.) – 6. Ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Universidade de São Paulo, 1999.

PAIVA, Jane. **Os desafios da educação de jovens e adultos**, Secretaria do Estado de Minas Gerais, 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/results?search_query=os+desafios+da+educa%C3%A7%C3%A3o+de+jovens+e+adultos, acessado em 03/09/18.> Acesso em: 23 de agosto de 2018.

PALÁCIOS, J. **O que é a adolescência**. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 263 - 272. v. 1.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação escolar de jovens e adultos**. São Paulo: Papyrus, 2013.

PEIXOTO, A. **Fenomenologia, ética e educação: uma análise a partir do pensamento de Husserl**. Revista Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 21, n. 7/9, p. 489-503, jul./set. 2011.

PEREIRA, Letícia Gravano Pacheco. SERRA Dayse. **A importância da aprendizagem na terceira idade**. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204140.pdf. Acesso em 14 de novembro. 2018>

8. Participa ou já participou na construção de algum Projeto Político Pedagógico?

() Sim () Não

9. Como você conceitua e caracteriza a EJA? Qual a importância dela no contexto atual?

10. Você trabalha na EJA fundamentada em algum posicionamento teórico específico? Qual? Justifique sua resposta.

11. Você utiliza conteúdos coerentes com a realidade dos alunos? Se si, justifique.

12. Quais as maiores dificuldades que você observa em relação a aprendizagem dos alunos?

13. Quais os resultados você espera para os alunos no final do ano letivo?

Agradecemos sua valiosa contribuição!

Ingrid da Silva Noronha / Acadêmica de Pedagogia.

APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO ALUNOS**QUESTIONÁRIO/ALUNOS****1. Sexo:**

Feminino Masculino

2. Idade:

Menos de 20 anos De 20 a 30 anos
 De 31 a 40 anos De 41 a 50 anos
 De 51 a 60 anos Acima de 61 anos

3. Mora em casa:

Própria Cedida Alugada

4. Mora com:

Pais Cônjuge
 Filho(s) Sozinho
 Outros

5. Exerce alguma atividade remunerada?

Sim Não

6. Estudos antes da EJA?

Não
 Escola Pública do interior
 Escola Pública da Capital
 Escola Municipal
 Escola Particular

7. Se você precisou interromper seus estudos em alguma etapa da sua vida, marque a(s) causa(s):

- Mudança de cidade
- Dificuldade de adaptar-se às normas da escola.
- Tornou-se pai/mãe muito cedo e precisou cuidar do(s) filho(s)
- Necessidade de trabalhar e ajudar a família
- Foi reprovado e perdeu a motivação

8. Fora da escola, você tem tempo para estudar?

- Sim Não

9. Quando você tem alguma dificuldade a quem você se dirige?

- Professor
- Esposo ou esposa
- Parentes
- Amigos

10. Na escola, quais recursos o professor utiliza que mais favorece/ facilita a sua aprendizagem?

- Livros
- Explicação do professor
- Trabalhos em grupo
- Outros

11. O que você aprende ou já aprendeu serviu para alguma prática em seu dia-a-dia, ou seja, fora da escola?

- Sim Não

12. Na sua opinião, como você avalia a escola?

- Regular Boa
- Ótima Precisa melhorar a estrutura

Agradecemos sua valiosa contribuição!